

Ganhando terreno

Com mostras sucessivas em galerias e museus os concretistas reconquistam seu espaço

A pós a mostra da obra gravada de Picasso, um novo acontecimento marca o calendário de eventos artísticos deste ano: a apresentação, em mostras seguidas, dos trabalhos dos responsáveis pela emergência, no início dos anos 50, do movimento de arte concreta. Assim é que, seguindo-se à exposição de trabalhos recentes de Hermelindo Fiaminghi em maio último e às mostras atuais de Geraldo de Barros em São Paulo e no Rio de Janeiro, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo prepara para agosto a retrospectiva de Waldemar Cordeiro, que será seguida, ainda neste ano, pelas exposições individuais de Luiz Sacilotto, Maurício Nogueira Lima, Judith Lauand e Hércules Barsotti no circuito comercial.

De certa maneira isso significa, para os artistas plásticos do movimento, alcançar a posição que já desfrutaram há cerca de dez anos os poetas concretos — em especial os irmãos Augusto e Haroldo de Campos —, que tiveram sua obra poética reeditada, assim como suas traduções de poesia, com grande sucesso de público, em especial os volumes *Poemas*, de

Maiakóvski, e *Poesia Russa Moderna*. Só não pode reintegrar-se ao grupo a ala de músicos do movimento, que abandonou sua linha de pesquisa por motivos de inspiração nostálgica ou política, como foi o caso de Gilberto Mendes e Willy Corrêa de Oliveira.

O concretismo nas artes visuais representou quando surgiu, no início da década de 50, uma contraposição ao tachismo, também conhecido como abstracionismo informal. Fundado sob a influência do grupo de artistas abstrato-geométricos suíços, em especial Max

Bill, seguiu desde logo o caminho marcado pela invenção formal. Era uma investigação que rejeitava o processo artesanal recorrendo a procedimentos vinculados à produção industrial. É assim que os artistas concretos substituem sucessivamente o óleo pelo esmalte, a tela pelo eucatex e o pincel pela pistola. Trata-se na verdade de uma posição definida pelo movimento — a arte não é expressão, mas produto.

Pode-se especular se essa concepção derivava do fato de praticamente todos os artistas do movimento estarem diretamente envolvidos com atividades do meio empresarial de São Paulo. Cordeiro dedicava-se à publicidade, ao paisagismo e à ilustração; Sacilotto era desenhista técnico; Fiaminghi trabalhava como gráfico e publicitário e Geraldo de Barros atuava como fotógrafo, desenhista industrial e cartazista. Não abandonaram o exercício da atividade profissional pela

vida artística, o que fez com que o movimento trouxesse inegavelmente uma contribuição ao país no desenvolvimento da comunicação visual (logotipos, marcas, projetos gráficos de jornais e revistas), influenciando ainda o desenho industrial do mobiliário, o paisagismo e a estampa de tecidos.

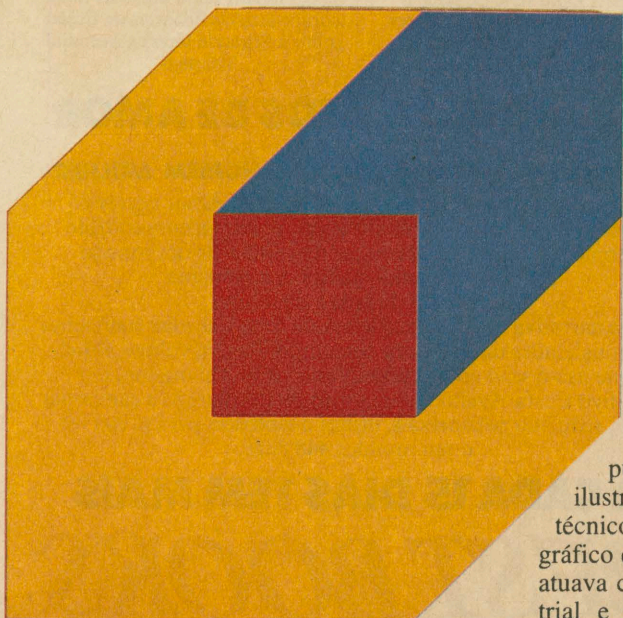
CONTESTAÇÃO E SERIEDADE — Quando iniciou suas atividades, o grupo concreto foi duramente contestado. Alguns



Sacilotto (1986): criatividade em obra ortodoxa

críticos do movimento argumentaram que sua produção não passava de uma diluição das pesquisas abstracionistas das vanguardas artísticas do início deste século. Outros, como o arquiteto e artista plástico Flávio de Carvalho, foram além, considerando as obras meramente decorativas. A essas colocações o movimento respondeu de diversas maneiras. Por um lado, afirmando sua existência própria através da pressão que mostrou ser capaz de exercer sobre as obras de artistas que não integraram o movimento, como foi o caso de Maria Leontina e Milton Dacosta. De outro, demonstrando com firmeza a diferença entre a criação de enfeites e a concepção de obras de rigor estrutural com o emprego de formas simples e despojadas.

A situação agora mudou. Embora se possam fazer restrições à produção do grupo, a aplicação e a seriedade dos concretos são hoje certamente inquestionáveis. Dedicaram-se ao trabalho por cerca de trinta anos, sem perspectiva de retorno, rejeitando com coerência as



Geraldo de Barros: rigor

concessões de praxe, atitude que não pode de forma alguma ser confundida com acomodação. As obras não permaneceram estacionadas no tempo. Os trabalhos se modificaram mas, como se pode perceber ao percorrer as exposições, continuam caracterizados pelo rigor construtivo original. Esse rigor se manifesta com toda a sua pujança na atual produção de Geraldo de Barros — este ano um dos representantes do Brasil na Bienal de Veneza. Suas composições, quando não são realizadas em branco e preto, empregam unicamente as cores primárias (azul, vermelho e amarelo) em formas geométricas recortadas em chapas de fórmica. Os trabalhos exploram a ambigüidade figura-fundo, relacionando-se de perto com as pesquisas anteriores de Fiaminghi (na série *Virtuats*) e Sacilotto.

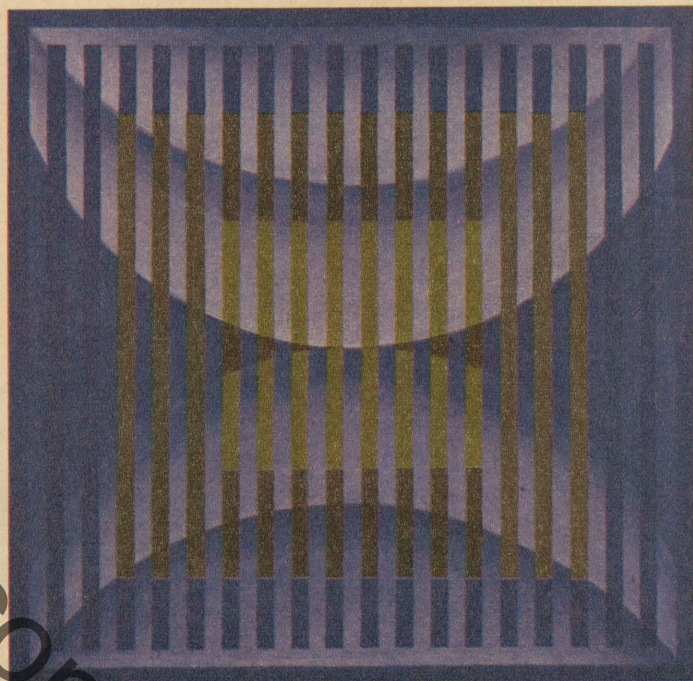
ORTODOXIA E PESQUISA — Se Sacilotto não abandonou até hoje o concretismo ortodoxo, centrado no rigor geométrico e na especulação das possibilidades óticas, Fiaminghi já o fez há tempos. Desde fins dos anos 50 realiza seus estudos de cor e luz, em que divide a superfície do trabalho numa infinidade de círculos ou pequenos quadrados — a retícula. Em suas últimas obras utilizou sua pesquisa na tentativa de estabelecer uma nova concepção da paisagem e do retrato, mas certamente se encontra diante de um impasse: o resultado — em especial no caso dos retratos — não se afasta claramente do convencional. Na obra concreta de Cordeiro os efeitos visuais são explorados para sugerir movimento. Para isso, utiliza o contraste obtido através do emprego de cores complementa-

res (azul e laranja, roxo e amarelo, verde e vermelho) e ritmos horizontais paralelos, como em sua obra *Movimento* (1951).

Entre os quatro, os mais afinados com o projeto original ao longo de todos esses anos foram Sacilotto e Fiaminghi. Geraldo de Barros, em meados dos anos 60, realizou trabalhos figurativos com raízes na pop-art para mais tarde retomar o abstracionismo geométrico. Já Waldemar Cordeiro, que como líder incontestado do grupo até início dos anos 60 parece estar condenado ao rótulo de artista concreto, realizou a parte mais interessante de seu trabalho após esse período, como explorador incansável de novas possibilidades — dos “popcretos” às experiências, pioneiras no Brasil, da utilização de computadores (através das quais obtinha seguidas variantes de uma imagem). Esta retrospectiva agora organizada — reunindo perto de 150 trabalhos, que correspondem a cerca de 80% da produção total do artista — será a primeira ocasião para um contato maior com o conjunto de sua obra, inclusive com o primeiro período de sua produção, filiado à corrente expressionista e posteriormente renegado e relegado ao esquecimento pelo próprio artista, falecido em 1973.

HORA DE REVISÃO — Há cerca de dez anos, ao organizar a exposição *Projeto Construtivo Brasileiro na Arte*, num projeto conjunto da Pinacoteca do Estado e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a crítica de arte Aracy Amaral constatou com alguma surpresa que os artistas concretos detinham ainda a maior parte da obra composta ao longo das décadas anteriores. Embora essa produção fosse pequena — muitas vezes não chegando a um número superior a dez trabalhos num ano —, existia já uma margem sufi-

ciente para promover uma valorização das obras inserindo-as no mercado, o que aliás já se observava em relação aos construtivos cariocas. Não deixa de ser curioso que isso se verifique apenas agora, com os artistas na faixa dos 60 anos. Alguns colecionadores, é verdade, se anteciparam ao momento atual, adquirindo por exemplo praticamente todo o conjunto de trabalhos de Sacilotto dos anos 50, mas parece ter sido um caso isolado. Fiaminghi vendeu seus traba-

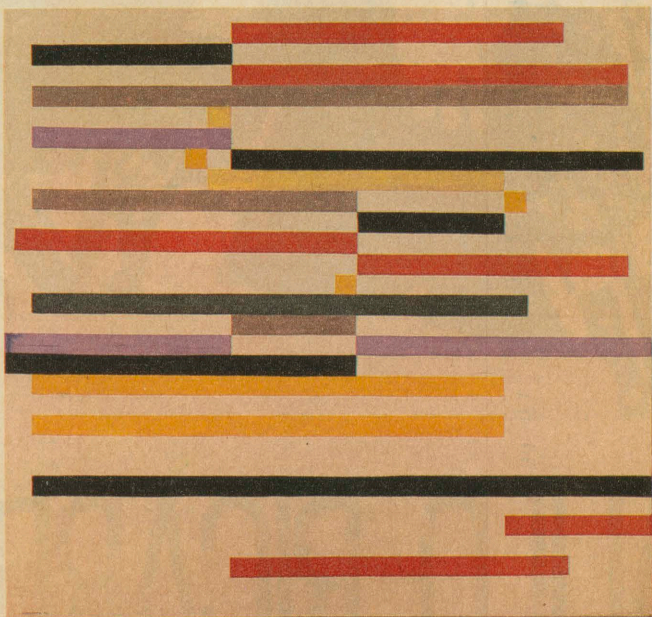


Fiaminghi: vivo agora momentos de impasse

lhos antigos agora, por ocasião de sua última exposição.

É cedo para afirmar que a aceitação dos trabalhos da década de 50, comercializados por cerca de 100 000 cruzados — três vezes o valor atribuído às obras atuais dos mesmos artistas —, representa algo como uma retomada do construtivismo após um período de domínio da arte conceitual nos anos 70 e da recente vaga neo-expressionista. Não se pode dizer que os artistas do movimento concreto estivessem esquecidos — embora alguns tenham abandonado momentaneamente a pintura e o grupo não tenha deixado discípulos —, pois realizaram nos últimos anos mostras retrospectivas em museus, ainda que sem maior repercussão. O que agora se anuncia é — ao que tudo indica — o reconhecimento de uma obra que marcou profundamente a produção artística de todo um período e cujas conquistas no campo da produção gráfica e industrial estão presentes ainda hoje.

RUI MOREIRA LEITE



Waldemar Cordeiro: Movimento (1951) rotulado